



## **A DIÁSPORA AFRICANA EM GOIÁS E OS ESPAÇOS DO SAGRADO DE ORIGEM AFRICANA NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA**

### ***THE AFRICAN DIASPORA IN GOIAS AND THE SACRED SPACES OF AFRICAN ORIGIN IN THE METROPOLITAN REGION OF GOIANIA***

### ***LA DIÁSPORA AFRICANA EN GOIÁS Y LOS ESPACIOS SAGRADOS DE ORIGEN AFRICANO EN LA REGIÓN METROPOLITANA DE GOIÂNIA***

**Gleyzer Alves e Silva<sup>1</sup>**

**Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil**

**ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0301-436X>**

**E-mail: [profgleyzer@gmail.com](mailto:profgleyzer@gmail.com)**

**Laura Beatriz Alves de Oliveira<sup>2</sup>**

**Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil**

**ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7005-6398>**

**E-mail: [laura\\_oliveirabv@hotmail.com](mailto:laura_oliveirabv@hotmail.com)**

#### **Resumo**

O presente artigo aborda o tema da diáspora africana em Goiás e as dinâmicas espaciais das religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Jurema, na região metropolitana de Goiânia. O objetivo do estudo é analisar a presença histórica e cultural dos afrodiáspóricos em Goiás, bem como investigar as práticas religiosas afro-brasileiras, explorando as dinâmicas de marginalização, segregação e resistência dessas comunidades. A metodologia adotada inclui uma revisão bibliográfica de obras sobre a diáspora africana e religiões de matriz africana, além de observações de campo realizadas em um terreiro de Jurema em Goiânia. O estudo também adota uma abordagem decolonial, buscando desconstruir narrativas historiográficas tradicionais que relegam as contribuições dos afrodiáspóricos a um segundo plano. Os resultados evidenciam que as religiões afro-brasileiras na região, embora enfrentem estigmatização e invisibilidade social, atuam como espaços de resistência e de reafirmação identitária. As práticas religiosas de matriz africana, além de terem importância espiritual, também se configuram como mecanismos de resistência cultural e política frente ao racismo e à segregação histórica em Goiás. As conclusões apontam para a necessidade de uma revisão historiográfica que

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestrado em Ciências Ambientais pelo Centro Universitário de Anápolis, Graduação em Direito pelo Centro Universitário de Goiás. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7629906565619641>

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestrado em História pela Universidade Católica de Goiás, Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Currículo Lattes: <https://orcid.org/0000-0002-7005-6398>

valorize as contribuições dos afrodiaspóricos e das suas práticas religiosas, reconhecendo a centralidade dessas populações na formação histórica do estado. O artigo destaca a urgência de uma abordagem inclusiva e decolonial para promover uma narrativa mais plural, que contemple as diversas influências culturais e históricas no estado.

**Palavras-chave:** diáspora africana; religiões de matriz africana; decolonialidade; resistência; Goiânia.

### Sumário

1 Introdução. 2 A diáspora africana em Goiás. 3 Dinâmicas espaciais do sagrado de matriz africana na Região Metropolitana de Goiânia. 4 A Jurema como uma das formas de representação da herança religiosa e cultura negra em Goiânia. 5 Considerações finais. Referências.

### Abstract

The present article addresses the theme of the African diaspora in Goiás and the spatial dynamics of African-based religions, such as Candomblé and Jurema, in the metropolitan region of Goiania. The objective of the study is to analyze the historical and cultural presence of Afro-diasporic communities in Goiás, as well as to investigate Afro-Brazilian religious practices, exploring the dynamics of marginalization, segregation, and resistance within these communities. The methodology includes a literature review of works on the African diaspora and African-based religions, as well as field observations conducted at a Jurema terreiro in Goiania. The study also adopts a decolonial approach, seeking to deconstruct traditional historiographical narratives that have relegated Afro-diasporic contributions to the background. The results show that Afro-Brazilian religions in the region, despite facing stigmatization and social invisibility, serve as spaces of resistance and identity reaffirmation. African-based religious practices, beyond their spiritual significance, also function as mechanisms of cultural and political resistance against racism and historical segregation in Goiás. The conclusions highlight the need for a historiographical revision that values Afro-diasporic contributions and their religious practices, recognizing the centrality of these populations in the historical formation of Goiás. The article emphasizes the urgency of an inclusive and decolonial approach to promote a more plural narrative that encompasses the diverse cultural and historical influences in the state.

**Keywords:** african diaspora; african-based religions; decoloniality; resistance; Goiânia.

### Contents

1 Introduction. 2 The African Diaspora in Goiás. 3 Spatial Dynamics of the Sacred of African Matrix in the Metropolitan Region of Goiania. 4 The Jurema as a Form of Representation of Religious Heritage and Black Culture in Goiania. 5 Final Considerations. References.

## Resumen

El presente artículo aborda el tema de la diáspora africana en Goiás y las dinámicas espaciales de las religiones de matriz africana, como el Candomblé y la Jurema, en la región metropolitana de Goiânia. El objetivo del estudio es analizar la presencia histórica y cultural de las comunidades afro-diaspóricas en Goiás, así como investigar las prácticas religiosas afrobrasileñas, explorando las dinámicas de marginación, segregación y resistencia dentro de estas comunidades. La metodología incluye una revisión bibliográfica de trabajos sobre la diáspora africana y las religiones de matriz africana, además de observaciones de campo realizadas en un terreiro de Jurema en Goiânia. El estudio también adopta un enfoque decolonial, buscando deconstruir narrativas historiográficas tradicionales que han relegado las contribuciones afro-diaspóricas a un segundo plano. Los resultados muestran que las religiones afrobrasileñas en la región, a pesar de enfrentar estigmatización e invisibilidad social, funcionan como espacios de resistencia y reafirmación identitaria. Las prácticas religiosas de matriz africana, más allá de su significado espiritual, también actúan como mecanismos de resistencia cultural y política contra el racismo y la segregación histórica en Goiás. Las conclusiones destacan la necesidad de una revisión historiográfica que valore las contribuciones afro-diaspóricas y sus prácticas religiosas, reconociendo la centralidad de estas poblaciones en la formación histórica de Goiás. El artículo enfatiza la urgencia de un enfoque inclusivo y decolonial para promover una narrativa más plural que abarque las diversas influencias culturales e históricas en el estado.

**Palabras clave:** diáspora africana; religiones de matriz africana; decolonialidad; resistencia; Goiânia.

## Índice

1 Introducción. 2 La diáspora africana en Goiás. 3 Dinámicas espaciales de lo sagrado de matriz africana en la Región Metropolitana de Goiânia. 4 La Jurema como una forma de representación de la herencia religiosa y la cultura negra en Goiânia. 5 Consideraciones finales. Referencias.

## 1 Introdução

A história de Goiás começa com os primeiros relatos eurocentrados e depois ocorre uma valorização recente da contribuição afrodiáspórica e feminina para a cultura e sociedade do estado. Inicialmente, destaca-se como as primeiras narrativas sobre Goiás estavam ligadas ao colonialismo patriarcal e à subalternização de grupos étnicos, especialmente mulheres, africanos e indígenas.

As primeiras explorações de minas de ouro na região, lideradas por Bartolomeu Bueno da Silva, e o conseqüente desenvolvimento de vilas e arraiais, como o Arraial de Sant'Anna e Pirenópolis, evidenciam a presença de africanos escravizados e de seus descendentes nas minas, marcadas pela formação de quilombos e pela resistência negra.

Elenca-se também as irmandades religiosas como espaços de resistência e mobilização para afrodiáspóricos, especialmente mulheres, e a presença das religiões afrobrasileiras em Goiás, como o Candomblé, a Umbanda e a Jurema. Das irmandades surgem comemorações como as congadas, destacadas como uma manifestação cultural e religiosa significativa na região e mais uma forma de reafirmar a participação dos afrodiáspóricos na cultura goiana.

Em Goiânia e região metropolitana, entre os anos 1970 e 2000, localizam-se as dinâmicas espaciais das práticas religiosas de matriz africana, especialmente o Candomblé das nações Angola e Ketu. Essas dinâmicas são marcadas por processos de encobrimento em níveis semântico, político e espacial, perpetuando estigmas e invisibilidades sociais e culturais, bem como promovendo periferização e segregação. Até a década de 1990, havia uma negação da existência de práticas de Candomblé na região, mas projetos de pesquisa identificaram cerca de 40 terreiros na cidade de Goiânia, promovendo sua visibilidade e contestando a invisibilidade construída historicamente. Há também um movimento recente de reivindicação por visibilidade e reconhecimento dos direitos das religiões de matriz africana no espaço público goiano, marcado por tensões e negociações com outros segmentos religiosos e o poder público.

Silva (2011) ressalta a falta de discussões acadêmicas e registros oficiais sobre o tema até os anos 2000, indicando um consenso acadêmico sobre a inexistência de Candomblés em Goiânia e encobrimento das influências negras em Goiás. Mas recentemente, a diáspora africana e suas influências em Goiás têm sido temas de interesse crescente em estudos acadêmicos. O artigo tem como principal objetivo analisar a presença histórica da diáspora africana em Goiás, investigando as contribuições dos africanos e seus descendentes para a cultura, a sociedade e a economia do estado. Além disso, busca explorar as dinâmicas espaciais das religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Jurema, na região metropolitana de Goiânia. Nesse sentido, o estudo discute os desafios enfrentados por essas práticas religiosas, como a invisibilidade e a segregação espacial, ao mesmo tempo em que ressalta as formas de resistência e a luta pelo reconhecimento público.

Objetiva-se também resgatar e valorizar a história e a herança africana em Goiás, dando visibilidade às contribuições dos afrodiáspóricos para a formação cultural e social do estado. Este estudo propõe questionar e desafiar as narrativas dominantes, que em sua maioria ignoram ou obscurecem essas influências. Aqui,

procuramos defender a necessidade de uma abordagem mais inclusiva na historiografia goiana, propondo a incorporação de metodologias como a micro-história, história cultural e a História Oral, para superar a visão eurocêntrica e reconhecer as intersecções de raça, classe e gênero na construção da história de Goiás.

Ao abordar a diáspora africana em Goiás e as dinâmicas espaciais das religiões de matriz africana na região metropolitana de Goiânia opta-se, neste estudo, pelo uso do termo afrodiaspórico em lugar de afrodescendente, considerando que este último enfatiza a descendência biológica direta, enquanto o primeiro destaca as experiências históricas, culturais e sociais da diáspora africana. Essa escolha conceitual está alinhada à abordagem decolonial adotada, que busca reconhecer as múltiplas formas de resistência, ressignificação e produção de identidade nas comunidades negras em novos contextos.

Esse termo transcende a perspectiva genealógica para abordar as práticas, as identidades e as memórias coletivas que conectam comunidades negras em diversos contextos globais. Além disso, o conceito de afrodiaspóricos dialoga com a perspectiva decolonial, ao reconhecer as interseções entre história, cultura e política, valorizando as contribuições africanas na construção de novas formas de resistência e identidade nos espaços onde a diáspora se manifestou. No caso específico de Goiás, essa abordagem é fundamental para entender como as práticas culturais e religiosas de matriz africana se consolidaram como mecanismos de resistência cultural e reafirmação identitária, em meio aos desafios impostos pelas estruturas coloniais e pós-coloniais.

A problemática central levantada é a invisibilidade histórica e social das contribuições dos afrodiaspóricos em Goiás, bem como a marginalização das práticas religiosas de matriz africana. O artigo visa a questionar como a historiografia tradicional, com seu enfoque eurocêntrico, patriarcal e colonial, desvalorizou e obscureceu a participação dos africanos e de seus descendentes na formação cultural, social e econômica do estado. Essa marginalização também se reflete na falta de reconhecimento e visibilidade das práticas religiosas afro-brasileiras na região metropolitana de Goiânia, que enfrentam processos de estigmatização, segregação espacial e resistência por parte da sociedade dominante.

O estudo busca entender como essas dinâmicas de poder colonial e a racialização afetaram a construção da identidade afrodiaspórica em Goiás e como

as práticas culturais e religiosas afro-brasileiras resistiram a esses processos de exclusão. A problemática vem com a necessidade de reavaliar e desafiar as narrativas históricas hegemônicas, propondo uma nova abordagem que valorize a contribuição afrodiaspórica na história de Goiás e reconheça as lutas e resistências dessas populações marginalizadas.

Portanto, a hipótese central do artigo se baseia na questão de que a historiografia tradicional de Goiás, ao adotar uma perspectiva eurocêntrica, patriarcal e colonial, obscureceu e marginalizou as contribuições dos afrodiaspóricos, tanto na sociedade quanto na cultura do estado. Esse apagamento histórico também se manifesta nas práticas religiosas de matriz africana, como o Candomblé e a Jurema, que enfrentam processos de invisibilidade. Partimos da suposição de que, ao revisitar essas narrativas e incorporar abordagens mais inclusivas e decoloniais, é possível evidenciar as contribuições significativas dos afrodiaspóricos em Goiás. Além disso, acredita-se que o reconhecimento das práticas religiosas afro-brasileiras na região metropolitana de Goiânia podem revelar uma luta constante por visibilidade e autonomia, desafiando as hierarquias de poder estabelecidas. Dessa forma, sugere-se que a revisão crítica da historiografia de Goiás pode transformar a compreensão da história local, tornando-a mais inclusiva e plural.

A metodologia aplicada neste estudo fundamenta-se em uma revisão bibliográfica de obras que abordam a diáspora africana, práticas religiosas de matriz africana e a historiografia de Goiás, adotando uma abordagem decolonial e crítica, para questionar as narrativas eurocêntricas e patriarcais predominantes. As autoras e autores selecionados foram escolhidos por suas contribuições fundamentais, que enriquecem as análises de diferentes perspectivas.

Destacamos Zuleica Dantas Pereira Campos e Clelia Moreira Pinto Joron como referências centrais, devido à profundidade de suas investigações sobre a cultura afrodiaspórica e as religiões afro-brasileiras. Campos, com pós-doutorado em Ciências da Religião, possui uma trajetória acadêmica marcada por estudos sobre sincretismo, resistência cultural e relações de poder, com projetos como *Travessias no campo religioso da América Latina*, que conecta práticas religiosas locais ao contexto globalizado. Seu trabalho com a coautoria de Joron, *Saravá Jurema sagrada: as várias faces de um culto mediúnico* (1995), analisa a diversidade de expressões da Jurema em diferentes contextos, por meio de uma abordagem etnográfica detalhada.

Thais Alves Marinho, professora da PUC Goiás e pós-doutora em Ciências Sociais pela Unisinos, é uma das principais referências em estudos decoloniais e afrodiáspóricos no estado de Goiás. Sua atuação interdisciplinar, com foco em relações étnico-raciais e feminismos de terreiro, oferece uma base teórica robusta para discutir a resistência e a subjetividade das comunidades afrodiáspóricas. Seus projetos sobre os Kalunga e políticas públicas culturais aprofundam a análise das dinâmicas de identidade e reconhecimento.

Luiz Palacin é uma referência histórica importante devido à sua obra clássica *Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa Capitania de Minas* (1972), que, embora não adote uma abordagem decolonial, oferece uma contextualização essencial sobre a formação social e econômica de Goiás no período colonial. Palacin foi o primeiro historiador a empregar o método histórico para reconstruir a história de Goiás e Tocantins, fornecendo um alicerce crucial para este estudo.

Mary Anne Vieira Silva, com seu enfoque em Geografia Cultural e religiões de matriz africana, como o Candomblé, contribui significativamente para a compreensão das territorialidades do sagrado em Goiânia. Sua obra “Dinâmicas espaciais do sagrado de matriz africana na região metropolitana de Goiânia/GO” é central para este estudo, ao explorar as relações entre espaço urbano, poder e resistência cultural.

Complementando a revisão teórica, incluímos a realização de uma observação de campo em um terreiro de Jurema na região metropolitana de Goiânia. Essa abordagem metodológica foi escolhida devido à sua capacidade de captar as dinâmicas culturais, simbólicas e sociais das práticas religiosas de matriz africana em seu contexto natural, enriquecendo a análise teórica com dados empíricos. No caso específico das religiões afro-brasileiras, como a Jurema, muitas de suas características — como os rituais, as interações sociais e a organização simbólica dos espaços — não estão devidamente documentadas em fontes escritas ou são insuficientemente exploradas por estudos acadêmicos. Assim, a observação de campo se mostrou ferramenta essencial para compreender aspectos práticos e simbólicos dessas tradições.

A observação permitiu registrar as práticas rituais e a interação entre os participantes, evidenciando como o terreiro funciona tanto como um espaço espiritual quanto como um local de resistência cultural e de reafirmação identitária. A ritualística observada revelou camadas de significado que transcendem as

interpretações teóricas, incluindo o uso simbólico de elementos como a Jurema Sagrada, os cânticos, os trajes e os objetos presentes no espaço. Além disso, as interações entre os praticantes demonstraram como as religiões de matriz africana mantêm vivas suas tradições e, ao mesmo tempo, se adaptam às transformações sociais e urbanas contemporâneas.

No campo da antropologia e dos estudos culturais, a observação de campo não apenas fornece uma visão mais ampla e detalhada das práticas estudadas, mas também permite que o pesquisador se aproxime das experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa. Esse contato direto possibilita uma compreensão mais profunda das práticas religiosas enquanto formas de resistência e resiliência frente aos processos de invisibilidade e marginalização. No contexto de Goiânia, os terreiros de Jurema desempenham um papel significativo na construção de redes de solidariedade e na promoção da identidade afrodiáspórica, reforçando a importância de espaços sagrados como pontos de resistência e transformação cultural.

Assim, a observação de campo, aliada à abordagem decolonial e à revisão bibliográfica, contribui para ampliar o entendimento sobre as religiões afro-brasileiras e suas dinâmicas espaciais e simbólicas, fornecendo uma base sólida para discutir o papel central dessas práticas na formação cultural e social de Goiás. Esse método reforça a necessidade de um olhar mais inclusivo e crítico na análise das contribuições daqueles que professam sua fé por meio de religiões de matrizes africanas, rompendo com as narrativas eurocêntricas e hegemônicas que historicamente obscureceram sua relevância.

Visamos, por meio desta pesquisa, reforçar a necessidade de resgatar e valorizar a contribuição dos povos afrodiáspóricos para a história, cultura e sociedade de Goiás, uma vez que essas influências têm sido historicamente marginalizadas ou ignoradas pela historiografia tradicional, que privilegia uma perspectiva eurocêntrica, patriarcal e colonial. O artigo busca corrigir essa lacuna ao destacar a importância da diáspora africana e das práticas religiosas de matriz africana, como o Candomblé e a Jurema, que têm desempenhado um papel considerável na formação da identidade goiana. Para corroborar a pesquisa, adicionamos um relato de uma visita realizada a um terreiro de Jurema, local onde também ocorrem ritualísticas umbandistas.

Por meio das religiões de matriz africana em Goiânia, constata-se ser persistente a invisibilidade e estigmatização dessas práticas religiosas, nas quais os

praticantes enfrentam desafios relacionados à segregação espacial, preconceito e falta de reconhecimento público. Ao abordar essas questões, temos a intenção de contribuir para o debate sobre as lutas por visibilidade e os processos de resistência cultural que emergem em resposta à marginalização da cultura dos povos africanos e seus descendentes, e nos intencionamos a buscar uma revisão crítica e mais ampla da historiografia goiana, sugerindo a incorporação de metodologias mais inclusivas, que permitam uma compreensão mais ampla e diversa da história de Goiás. Esse meio é especialmente importante para promover uma visão mais justa e equilibrada das influências afrodiáspóricas na formação do estado, além de fomentar debates sobre uma perspectiva decolonial.

## 2 A diáspora africana em Goiás

A narrativa histórica de Goiás, conforme Marinho (2022), está fortemente vinculada a uma perspectiva eurocêntrica, patriarcal e colonial, que desvalorizava a diversidade de práticas e saberes, promovendo a subordinação de mulheres, africanos em diáspora e indígenas por meio de processos de racialização. Relatos de viajantes como o Barão de Eschwege, Saint-Hilaire e Johan Emanuel Pohl, juntamente com as análises de historiadores autodidatas como Luiz Antônio da Silva Souza e Cunha Mattos, revelam a construção de estereótipos como a “ociosidade” dos habitantes e a severidade do clima.

De acordo com Palacin (1972), em 1721, Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como Anhanguera Filho, liderou uma expedição ao sertão de Goyazes, retornando em 1725 com a descoberta de córregos auríferos e minas promissoras, reforçando a exploração colonial da região. Com o objetivo de implementar os poderes concedidos pela Coroa e organizar a ocupação de uma área que já não poderia ser vista apenas como um acampamento, Anhanguera fundou um arraial – uma povoação sem autonomia jurídica ou administrativa, subordinada à vila de São Paulo. Ele também mandou construir uma capela dedicada a Santa Ana, situada em uma leve elevação próxima ao Rio Vermelho, que se tornou o centro do Arraial de Sant’Anna, em 1726.

No entorno dessa área, centros de garimpo surgiram rapidamente às margens dos córregos e rios auríferos, formando pequenos vilarejos, como o Arraial da Barra. Outros locais de garimpo próximos incluíam Ferreiro, Anta, Ouro Fino e

Santa Rita; o arraial de Meia Ponte, hoje Pirenópolis, surgiu em 1731. Durante quase um século, Goiás foi conhecido como “Minas dos Goyazes”. Nos primeiros anos, a descoberta do ouro atraiu uma multidão diversa, composta por afrodiáspóricos escravizados, indígenas, aqueles em busca de riqueza rápida e outros que queriam fugir da justiça ou de dívidas, formando a base populacional inicial da região.

Segundo Marinho (2022), no ambiente rural, longe dos centros urbanos, a emergência de alguns quilombos no século XVIII é mencionada em cartas oficiais portuguesas apenas para salientar a destruição ou o caos causado pelos “calhambolas”, como fizeram os governadores João Manoel de Mello, em 1760, e José de Almeida de Vasconcellos e Carvalho (conhecido como Barão de Mossâmedes), em 1772. Essas ações explicam a lacuna de informações sobre as trajetórias de africanos em diáspora e seus descendentes no território goiano. Apenas a partir da década de 1980, a historiografia goiana passa a explorar esses fenômenos sociais como objeto de estudo, tendo buscado apresentar uma revisão da literatura, focando os distintos discursos sobre os afrodiáspóricos.

Para Marinho (2022), a perspectiva cultural da participação de africanos e seus descendentes em terras goianas começa a ser narrada por Cristina de Cássia Moraes, ao analisar uma denúncia de 1783 sobre uma bolsa de mandinga feita contra a escravizada Margarida Crioula, indicando a presença, entre pessoas já nascidas em solo brasileiro, de práticas ligadas ao ritual Dahomeano de vodu e acesso à cultura Sudanesa e Iorubá. Em 2008, Maria Loiola Lemke, na perspectiva da micro-história, atribui a presença dos africanos minais à importância da atribuição colonial, à condição social e às experiências do fazer-se livre sob a perspectiva de estratégias políticas, como interpretado com base em inter-relações. Assim, ao analisar os assentos de batismo do Arquivo Geral da Diocese de Goiás do período entre 1764 e 1792, constata que 78% dos declarados pretos (africanos) nos batismos correspondem aos Minais, Angolas, Nagôs e Congos totalizam 3%. Os pretos cuja nação não foi especificada somam 19%.

Palacin (1972) relata que, nos arraiais de Goiás, viviam pessoas de diversas origens étnicas: brancos, negros, pardos e indígenas. No início do século XVIII, essa população já ultrapassava 30 mil pessoas, incluindo homens, mulheres, jovens, idosos, ricos, pobres, nobres e plebeus, além de um grande número de escravizados. Em 1792, o número de negros na Capitania de Goyaz atingiu seu

pico, totalizando 38.533 homens e mulheres, a maioria deles escravizados, representando entre 60% e 80% da população das vilas mineradoras. Na Correição de Vila Boa, 65,4% da população era negra, enquanto o restante estava na Correição do Norte. Nesta, dos 34,6% da população negra, 5.328 pessoas (39,9%) viviam no Julgado de Traíras. Muitos africanos, oriundos de várias regiões da diáspora africana, foram traficados para trabalhar nas minas de ouro, entrando no país por portos como Belém, Salvador, Recife, Natal, Parnaíba e São Luiz. De lá, seguiam para Goiás por via terrestre, em longas caminhadas, ou pelo Rio Tocantins.

Marinho (2022) destaca o trabalho de Gilka Salles, que analisa a participação dos negros na economia escravista de Goiás, focando principalmente em seu papel econômico. No entanto, é apontada uma crítica à sua abordagem, que parece limitada ao aspecto econômico, sem aprofundar-se nas questões de resistência e subalternização dos afrodiáspóricos. Em contraste, autores como Martiniano da Silva e Mary Karasch exploram a resistência negra em Goiás, especialmente por meio da formação de quilombos. Silva (2011) destaca a continuidade da luta quilombola nas Américas, enquanto Karasch reconstrói a história dos quilombos goianos, ressaltando seu papel na economia e na sociedade local. Destaca-se também, apesar da visão eurocentrada, os estudos de Luis Palacín, um historiador hispano-brasileiro cuja obra foi dedicada à história dos estados brasileiros de Goiás e do Tocantins.

Além disso, há uma análise das práticas culturais e religiosas dos afrodiáspóricos em Goiás, realizada por autores como Cristina de Cássia Moraes e Maria Loiola Lemke. Esses estudos mostram como as influências africanas se mantiveram vivas mesmo sob o regime escravista, evidenciando a importância da cultura na resistência e na preservação da identidade. Marinho (2022) traz outro ponto para o debate, a complexidade das identidades dos afrodiáspóricos em Goiás, problematizando categorias como “escravizado”, “crioulo” e “preto”. Argumenta-se que essas categorias eram fluidas e estratégicas, refletindo dinâmicas sociais complexas e estratégias de sobrevivência dentro do sistema escravista.

Marinho (2022) elenca a importância das irmandades como espaços de negociação e resistência para os afrodiáspóricos em Goiás. Tais espaços permitiam a mobilização coletiva e a articulação de estratégias para conquistar alforrias e garantir uma maior autonomia dentro do sistema escravista. A autora explora a presença e o papel das irmandades religiosas em Goiás, especialmente durante os

séculos XVIII e XIX, e ressalta a participação ativa das mulheres afrodiáspóricas nessas instituições. Para ela, as religiões de matriz africana foram inicialmente classificadas de forma hierárquica, muitas vezes estigmatizadas, mas ao mesmo tempo foram espaços nos quais a cultura e as tradições africanas encontraram expressão e resistência.

As irmandades católicas, como as do Rosário e de São Benedito, representavam não apenas uma instituição religiosa, mas também um elo com a terra natal dos africanos escravizados. Marinho (2022) reforça que muitos viam os santos católicos como africanos e usavam os rituais e símbolos católicos como forma de preservar suas tradições e enfrentar a opressão. Tais irmandades proporcionaram um espaço de negociação e solidariedade entre diferentes grupos étnicos e sociais, unindo pessoas em torno de objetivos comuns e oferecendo um senso de comunidade e pertencimento. A participação feminina nas irmandades foi particularmente notável em Goiás e as mulheres afrodiáspóricas desempenharam papéis ativos nas mesas diretivas e nas festividades religiosas. Ao contrário de outras regiões, nas quais apenas membros brancos eram aceitos, as irmandades em Goiás permitiam a participação de pessoas negras e pardas, inclusive mulheres, em posições de liderança. As mulheres afrodiáspóricas desafiaram as normas patriarcais e contribuíram para a construção de uma nova forma de feminismo nos terreiros e nas irmandades. Essas mulheres empreenderam ações coletivas, formando famílias escolhidas e mobilizando recursos para enfrentar a opressão de gênero e classe.

Em conformidade com Marinho (2022), reforça-se, por meio de uma análise decolonial, que os estudos recentes destacam a importância das cosmopercepções africanas, como a lorubá, na compreensão das relações de gênero e na atuação das mulheres afrodiáspóricas nas irmandades. Essas tradições proporcionaram às mulheres negras uma base de poder e autonomia dentro das comunidades subalternizadas, permitindo que elas desafiassem as normas patriarcais e construíssem novas formas de identidade e resistência.

A história dos negros em Goiás revela uma contribuição significativa para diversos aspectos da sociedade, muitas vezes negligenciada pela historiografia tradicional. Desde o século XVIII, africanos e seus descendentes desempenharam papéis importantes em áreas como medicina, metalurgia, jornalismo, música, política

e ativismo abolicionista. No campo da medicina, escravizados atuavam como enfermeiros e curandeiros, oferecendo tratamento para diversas doenças e males.

Essa contribuição foi muitas vezes tolerada pelas autoridades, apesar das restrições impostas ao “curandeirismo”. Alguns casos, como o de Vitorino, também conhecido como “Cafelix”, demonstram o conhecimento especializado de africanos em áreas como metalurgia, utilizado até mesmo para fabricar ouro falso. Além disso, figuras como José do Patrocínio Marques Tocantins e Basílio Martins Braga Serradourada se destacaram em diversas áreas, incluindo jornalismo, política e ativismo abolicionista. Suas contribuições foram fundamentais para a luta pela liberdade e igualdade dos afrodiáspóricos em Goiás (Marinho, 2022).

Durante o século XIX, o aumento das alforrias refletiu o esforço cotidiano dos escravizados em busca da liberdade. Estratégias como fugas, resistência, negociação e compra de alforria foram empregadas para desafiar a escravidão e alcançar a liberdade. Essas dinâmicas complexas revelam as tensões e contradições do período escravista em Goiás. No entanto, mesmo com essas contribuições significativas, a identidade afrodiáspórica foi muitas vezes negligenciada ou obscurecida pela historiografia dominante. Somente recentemente, com o reconhecimento quilombola pela Constituição de 1988, houve um ressurgimento do orgulho e da valorização da herança africana em Goiás. Mulheres como Leodegária de Jesus, poetisa e jornalista, foram essenciais para essa luta, mesmo enfrentando discriminação e perseguição (Marinho, 2022).

Nos últimos anos, há uma crescente conscientização sobre a importância da história e da contribuição dos negros em Goiás. Estudos decoloniais e feministas têm buscado resgatar e valorizar as experiências e conquistas dos afrodiáspóricos, reconhecendo sua resistência, resiliência e contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Marinho (2022) destaca que a introdução das religiões afrobrasileiras e de matriz africana em Goiás trouxe consigo uma rica diversidade cultural e espiritual, marcando profundamente a identidade religiosa e cultural do estado. O Candomblé, por exemplo, expandiu-se para Goiás a partir do Nordeste do Brasil, com a chegada de imigrantes, especialmente a partir da década de 1960. Figuras como Pai João de Abuque foram pioneiras nesse processo, estabelecendo terreiros e promovendo a disseminação das tradições religiosas de origem africana na região. Antes deste período, a presença de religiões afrobrasileiras em Goiás era limitada, com destaque

para a Umbanda e o Omolocó, que cultuavam entidades brasileiras e não eram consideradas de matriz africana como o Candomblé. A chegada da Umbanda ocorreu principalmente no ambiente doméstico, mas posteriormente foram estabelecidas sedes e templos que se tornaram importantes centros religiosos na região.

Segundo Marinho (2022), as congadas também desempenham um papel significativo na cultura e na religiosidade afrodiáspórica em Goiás. Originárias do século XVIII, estas celebrações combinam elementos da devoção católica com memórias da escravidão e da África distante. Em Catalão, a Congada é especialmente proeminente e representa uma importante atração turística no estado. A participação das mulheres negras na Congada e em outros grupos religiosos afrodiáspóricos desafia a percepção de que essas manifestações são predominantemente masculinas. Mulheres como Maria de Lourdes Souza e Maria José Alves Dias desempenharam papéis de destaque nestas tradições, abrindo caminho para a participação feminina em espaços antes dominados por homens. Sua atuação não se limitava apenas às celebrações religiosas, mas também envolvia ativismo político e social, contribuindo para a promoção da igualdade de gênero e dos direitos humanos.

A presença e a atuação das mulheres negras nas religiões afrobrasileiras e nas congadas destacam-se como exemplos de resistência e empoderamento, demonstrando a importância destas tradições não apenas como expressões espirituais, mas também como ferramentas de mobilização e transformação social. O surgimento do grupo de mulheres negras Malunga, por exemplo, é um reflexo desse movimento de conscientização e organização, marcando um novo capítulo na história do ativismo feminino e afrodiáspórico em Goiás.

A diáspora africana em Goiás não só moldou aspectos econômicos e culturais, como também influenciou profundamente as dinâmicas sociais da região. A presença africana e afrodiáspórica são marcadas por uma resistência constante às opressões coloniais e pós-coloniais, manifestando-se em tradições culturais, religiosas e sociais que persistem até os dias de hoje. As contribuições desses grupos foram fundamentais na formação da identidade goiana e no desenvolvimento de suas estruturas sociais e econômicas.

Ao considerar o legado da diáspora africana em Goiás, é crucial reconhecer a resiliência e a capacidade de adaptação desses povos, que, apesar das

adversidades, desempenharam um papel central na história regional e nacional. Essa herança afrodiaspórica continua a influenciar o cenário cultural e social atual, reafirmando a importância de estudos e reflexões contínuas sobre o impacto da diáspora africana, não apenas em Goiás, mas no Brasil como um todo.

### **3 Dinâmicas espaciais do Sagrado de Matriz Africana na Região Metropolitana de Goiânia**

As religiões de matrizes africanas paulatinamente aumentam o seu número de fiéis, embora haja um percentual mínimo destes, se comparados numericamente aos seguidores de religiões cristãs tradicionais. Os terreiros estão distribuídos pelo Brasil, sendo mais concentrados em estados e cidades onde há maior influência histórica e cultural das tradições afro-brasileiras, como Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ). E, embora seja uma capital relativamente jovem, Goiânia possui uma considerável história relacionada à religiosidade afrodiaspórica. Silva (2011) discute as dinâmicas espaciais das práticas religiosas de matriz africana, especialmente o Candomblé nas nações Angola e Ketu, na região metropolitana de Goiânia, entre os anos 1970 e 2000. A autora baseia sua pesquisa em três categorias principais: território, cultura e política, e sugere que estas dinâmicas são marcadas por processos de encobrimento em níveis semântico, político e espacial. A hipótese central de Silva (2011) é que há uma lógica que encobre as práticas e territórios, perpetuando estigmas e invisibilidades sociais e culturais, além de promover periferização e segregação.

Até a década de 1990, havia uma negação da existência de práticas de Candomblé na região, mas projetos de pesquisa identificaram cerca de 40 terreiros na cidade de Goiânia, promovendo sua visibilidade e contestando a invisibilidade construída historicamente. Silva (2011) também destaca um movimento recente de reivindicação por visibilidade e reconhecimento dos direitos das religiões de matriz africana no espaço público goiano, marcado por tensões e negociações com outros segmentos religiosos e o poder público.

Além disso, a autora ressalta a falta de discussões acadêmicas e registros oficiais sobre o tema até os anos 2000, indicando um consenso acadêmico sobre a inexistência de Candomblés em Goiânia. Esse consenso influenciou a produção acadêmica e a divulgação apenas de religiões como Catolicismo, Protestantismos, Umbanda e o Kardecismo.

Silva (2011) propõe uma segmentação em duas partes: a primeira discute o território como espaço físico necessário para prática religiosa, enquanto a segunda aborda o território como espaço cultural-simbólico que conecta os praticantes aos elementos transcendentais, fundamentando a identidade do grupo e do Candomblé nessa região específica. A autora discute a concepção tradicional de território, destacando a influência das ideias de Ratzel, que o concebia como uma porção da superfície terrestre controlada por um grupo humano, atribuindo identidade e poder a ele. Esse entendimento é essencialmente relacionado ao Estado-Nação e às relações de poder. No entanto, a compreensão contemporânea do território é mais complexa e multidisciplinar, influenciada por disciplinas como economia, sociologia e antropologia. Autores como Saquet propõem uma abordagem que considera a formação de territorialidades, destacando aspectos econômicos, políticos e culturais na sua compreensão.

No caso específico do Candomblé, o território é fundamental para a sua prática e organização. A diáspora africana resultou na necessidade de fixação e delimitação de espaços para o culto, marcados por resistência e lutas territoriais. A religião se torna um mecanismo de recriação da identidade cultural africana em novos contextos, como o brasileiro. A história do Candomblé na Bahia é citada como exemplo das disputas territoriais dentro da religião, com a formação de diferentes casas e a luta pelo controle e posse dos territórios sagrados. Esses conflitos marcaram a posição dos terreiros na sociedade baiana após o século XIX. (Silva, 2011).

Para Silva (2011), no contexto de Goiânia e sua região metropolitana, o reconhecimento e legitimação dos territórios sagrados do Candomblé envolvem disputas territoriais e políticas de identidade. Os terreiros se localizam predominantemente em áreas urbanas e sua espacialização pode ser parcialmente entendida por meio de registros da Federação de Umbanda e Candomblé de Goiás, destacando uma incipiente espacialização destas comunidades em anos anteriores. Houve também uma luta por acesso à terra e resistência por afirmação de identidades, envolvendo quilombolas, grupos urbanos sem-terra e ciganos. O Candomblé emergiu neste contexto, com práticas ritualísticas e a formação de terreiros, que foram distribuídos de forma irregular pelo estado.

Os dados indicam que, nesse período, houve um crescimento representativo das comunidades de terreiro em Goiás, especialmente nas áreas urbanas e cidades.

A década de 1970 foi marcada por altas taxas populacionais concentradas nessas áreas, coincidindo com o aumento do número de registros de terreiros. A intensa ocupação do território goiano e sua expansão territorial gradual foram influenciadas pela crescente atividade agroindustrial do sul do país e pelas políticas integracionistas do centro-oeste brasileiro entre as décadas de 1950 e 1980. Essas mudanças econômicas e demográficas contribuíram para a migração de babalorixás de outros estados, como Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, para Goiás, configurando a rede do Candomblé goiano. (Silva, 2011).

Conforme Silva (2011), a abordagem de Milton Santos sobre o território como produto de uma relação de forças envolvendo o domínio político-econômico e a apropriação simbólica, é relevante para compreender estas dinâmicas. O binômio industrialização/urbanização intensificou-se nessas regiões, organizando os espaços urbanos e rurais. A metrópole, como forma urbana predominante, cristalizou o caráter desigual da reprodução do capital, mas também permitiu a fluidez, heterogeneidade e a reelaboração de sentidos e significados da vivência humana. Essa visão de tempos e espaços interconectados destaca a metrópole como esfera do cotidiano e das ações políticas, tanto poderosas quanto alienantes.

Uma observação importante que Silva (2011) apresenta é a de que os terreiros em Goiás frequentemente foram adquiridos por compra ou doação, o que evidencia uma condição desigual em relação ao direito ao território para práticas culturais e religiosas não-dominantes, em comparação com as garantias oferecidas para os segmentos dominantes. Além disso, há uma intolerância evidente em relação aos grupos não-cristãos, manifestada em ações que reprimem o exercício de suas práticas religiosas e culturais.

A intolerância se manifesta também em casos de perseguição e responsabilização de praticantes por supostos atos de charlatanismo ou curandeirismo, vistos como crimes dentro de orientações jurídicas burocráticas. Essa visão negativa é reforçada pela associação de práticas de transe ao Candomblé com casos de loucura. No entanto, o Candomblé, por sua própria essência, constitui-se como uma forma de resistência cultural. Mesmo enfrentando exclusão, falta de políticas públicas e intolerância religiosa, os praticantes resistem e persistem na manutenção de suas práticas. (Silva, 2011).

A análise da autora Silva (2011), se estende ao espaço urbano, no qual as práticas do Candomblé se manifestam em meio a um processo de encobrimento,

segregação e negação, refletindo as dinâmicas de poder colonial e hegemônico. O conceito de “terceiro espaço” de Homi K. Bhabha é evocado para descrever a interseção de culturas e a criação de novas identidades híbridas. Essa interação cultural ocorre em meio à produção social do espaço urbano, no qual os agentes sociais influenciam a localização e realocação das atividades produtivas e da população, muitas vezes em processos conflituosos. Movimentos sociais emergem para reivindicar o reconhecimento de identidades e territórios, desafiando as hegemonias religiosas, étnicas e políticas.

Os praticantes do Candomblé em Goiânia enfrentam um duplo fenômeno: a luta pelo reconhecimento do território e o enfrentamento do não reconhecimento de suas identidades e práticas. A resistência destes grupos se manifesta por meio de ações políticas e sociais que promovem pequenas fissuras na ordem social estabelecida, buscando afirmar suas identidades e práticas culturais.

As dinâmicas espaciais do sagrado de matriz africana na Região Metropolitana de Goiânia demonstram como esses espaços não são apenas locais de prática religiosa, mas também de resistência e reafirmação cultural. Os terreiros e outros espaços sagrados representam tanto a preservação de tradições ancestrais quanto a adaptação às realidades urbanas contemporâneas. Esses locais sagrados continuam a desempenhar um papel fundamental na criação de redes de solidariedade e na promoção da identidade afrodiaspórica.

Além disso, a luta por reconhecimento e respeito aos espaços religiosos de matriz africana reflete uma questão mais ampla de direito à cidade e à diversidade religiosa. A presença e permanência dessas práticas no espaço urbano desafiam as estruturas de poder que historicamente marginalizaram as religiões afro-brasileiras. Assim, entender as dinâmicas espaciais do sagrado de matriz africana em Goiânia é essencial para compreender não só a história e a cultura da região, mas também as formas contemporâneas de resistência e resiliência dessas comunidades.

#### **4 A Jurema como uma das formas de representação da herança religiosa e cultura negra em Goiânia**

Como forma de corroborar o exposto textualmente, foi confeccionado um relatório de visita realizada no templo de uma das diversas religiões de matrizes africanas com presença maciça em Goiás. O local escolhido foi um terreiro de

Jurema em Goiânia no setor Residencial Goiânia Viva, tendo a visita ocorrido na data de 13/4/2024. A escolha de um Terreiro de Jurema deu-se em razão do grande crescimento da religião e, paradoxalmente, a sua pouca divulgação e conhecimento por parte da sociedade. Uma característica da prática da Jurema é a discrição em relação às suas reuniões e cerimônias. Isso se deve, em parte, à influência histórica da perseguição e da marginalização das tradições espirituais indígenas e afro-brasileiras. Muitas vezes, as comunidades que praticam a Jurema preferem manter suas cerimônias mais discretas, realizando-as em locais isolados, longe do escrutínio externo, embora sempre seja afirmado pelos membros que todos os convidados sejam bem-vindos a conhecer e retornar sempre que sentirem vontade ou necessidade. O terreiro em questão é dirigido por uma juremeira e funciona como dupla pertença religiosa, visto que além da Jurema, ali também ocorre atendimentos ao público vinculados à religião umbandista.

A Jurema possui características diversas, tais como: transe mediúnico – configurado pela presença de entidades espirituais –, ingestão de bebidas e limpeza pelo fumo. O panteão mágico religioso da Jurema é composto por Reis, Rainhas, Príncipes, Princesas, Caboclos e Caboclas. Essas entidades habitam o juremá ou cidade da Jurema, terra dos “encantados” ou espíritos ali radicados em diversos reinos, sendo os mais conhecidos o de Vajucá, Tigre, Canindé, Urubá, Juremal, Josafá e o Reino do Fundo do Mar (Casculo apud Joron e Campos, 2018).

A Jurema, também conhecida como Catimbó, é uma religião que faz uso de uma planta homônima: a Jurema Sagrada, a qual possui considerável importância cultural e espiritual para várias tradições indígenas e afro-brasileiras, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. A celebração se dá a partir da utilização das raízes, bem como das folhas e cascas da Jurema Sagrada na ritualística, sendo tradicionalmente usados em forma de chás, banhos e unguentos. São utilizadas em cerimônias para promover estados de consciência alterados, purificação espiritual, cura física e espiritual, proteção e conexão com o divino em rituais adaptados da pajelança, do xamanismo indígena, das práticas de religiões africanas, do catolicismo popular, e até mesmo do esoterismo moderno. Pinto (1995) explica que a Jurema é caracterizada pela incorporação de entidades denominadas Mestres e Caboclos, e pelo uso ritualístico da bebida e do fumo. Configura-se como uma prática ritual predominantemente nordestina, embora difundida para diversas outras

regiões brasileiras, sendo considerada por aqueles que a utilizam como mensageira de um efeito mágico curativo.

A Jurema, assim como o Candomblé, é caracterizada pela presença de tradições espirituais sincréticas e cosmológicas, que buscam conexões entre o mundo físico e as entidades espirituais, e à exemplo da Umbanda, associa elementos adaptados de diversas tradições religiosas. Um ponto de convergência que pode ser notado nas referidas profissões de fé é a valorização do convívio comunitário, do respeito aos ancestrais e às forças da natureza e a compreensão da diversidade dos homens e de suas ações no mundo. Outros pontos que também interseccionam as referidas manifestações religiosas são o da resistência, do combate ao preconceito e ao racismo religioso sofrido pelos fiéis, do orgulho destes e suas lutas em prol da visibilidade pública de sua fé.

Retomando o relato, no que concerne à visita realizada, seus dados foram obtidos por meio de observações feitas durante o evento, bem como de questionamentos realizados a alguns fiéis frequentadores, além da fundamentação em alguns referenciais teóricos. O primeiro contato ocorreu logo na recepção, feita por fiéis frequentadores, momento no qual explicamos a intenção da visita, isto é, o seu caráter observatório e científico. Em relação ao local visitado, trata-se de uma casa simples, repartida em alguns cômodos, com um quintal espaçoso, local em que o público geral é recebido. A ritualística ocorre ali mesmo no referido quintal, com a ressalva de que no interior da casa, de forma simultânea, ficam os juremeiros já consagrados, se preparando espiritualmente para poderem sair de encontro ao público geral (os não consagrados e visitantes), conforme explicação de fiéis presentes, os quais também forneceram as informações seguintes, que serviram como base do presente relato.

Como salientado, a Jurema é uma prática espiritual que integra elementos de tradições indígenas e africanas, embora também presente em seu contexto elementos de tradição cristã, religiosidade da qual surgem visitantes que, por vezes, tornam-se frequentadores habituais, bem como aqueles que passam a professar exclusivamente a expressão religiosa em tela. Interessante destacar que o perfil dos frequentadores das cerimônias (fiéis ou não) é relativamente diversificado, em razão de fatores diversos, sobretudo de natureza cultural, espiritual e pessoal. Assim, questões subjetivas podem influenciar diretamente a experiência: se a pessoa foi em busca de algum tratamento espiritual, consolo ou aconselhamento; se compareceu

ao terreiro com o intuito agradecer ou fazer algum pedido às entidades; se o não professante da religião visitou o terreiro apenas para conhecer o local, ou com intenção de ali alicerçar a sua fé; se a visita foi com o condão de observação científica, enfim, as experiências individuais são determinadas por um somatório de fatores. Tanto que é comum perceber durante as cerimônias um número expressivo de fiéis emocionados, outros em transe, e até mesmo algumas pessoas com expressões faciais atônitas, diante das novidades presenciadas.

Em relação à cerimônia de consagração dos fiéis, o ato ocorre após diversas participações daqueles em ritualísticas da religião, na qual ao final devem manifestar a certeza de realmente quererem se consagrar. Após a confirmação, são consagrados numa espécie de batismo de iniciação e devoção aos caboclos ou mestres que serão seus respectivos guias. Em seguida ocorre a solenidade festiva, na qual é servido um jantar em comemoração ao feito. Infelizmente, no dia da visita não houve consagração, mas apenas celebração e atendimento à comunidade, fiéis ou visitantes.

Na estrutura física do local não havia nenhum escrito em particular, apenas algumas pinturas que simbolizam a casa, outras em formatos semelhantes a guirlandas e outras ainda representando formas de naipes de baralho. Havia também, fixadas na parede, máscaras que remetiam à espécies de carrancas, e completavam o ambiente estátuas das entidades (símbolos), como a de Chiquinho do Maranhão e a do Galo Preto.

Foi explicado que a Jurema é praticada em grupos familiares, designação dada pelos fiéis a todos os membros de um mesmo terreiro. Uma pessoa é dirigente do local, e esta é designada como pai/mãe dos fiéis frequentadores. Quando um consagrado decide criar o seu próprio terreiro, torna-se pai dos novos frequentadores e, automaticamente, aquele que o consagrou torna-se avô de seus fiéis. Alguns fiéis também se referem aos dirigentes como padrinhos. Em Goiás, um dos pioneiros foi um juremeiro, que criou seu terreiro na cidade de Bela Vista de Goiás, no ano de 1999. De lá saíram diversos juremeiros, que ainda mantêm vínculo com o terreiro de origem, mas que criaram seus próprios terreiros, como é o caso do local visitado.

Durante a cerimônia religiosa as vestes eram predominantemente brancas, cor que é sugerida aos visitantes, embora não obrigatória. Contudo, foi explicado que dias especiais, como o de recebimento da Pomba Gira, as vestes devem ter a

coloração vermelha. Importante também que as pessoas estejam descalças durante o evento.

Em relação à ritualística, como mencionado, os visitantes e os fiéis não consagrados ficam na área externa da casa aguardando a entrada dos consagrados. Neste meio tempo, são entoados cânticos, realizadas danças em homenagem/reverência às entidades. Assim que os consagrados chegam à área externa, participam com os presentes convocando os caboclos e posteriormente os mestres. A partir daí o líder espiritual professa palavras de fé e inicia cânticos invocando as entidades. Após o ritual ocorre o atendimento àqueles que necessitarem, fiéis ou visitantes. Durante o atendimento consomem o “vinho da jurema”, ou seja, planta Jurema Sagrada adicionada a uma bebida alcóolica, o que é tido como parte fundamental do ritual religioso. Também é comum a utilização de cachimbos durante toda a cerimônia, especialmente durante o atendimento.

A Jurema desempenha um papel fundamental como uma das formas mais expressivas de representação da herança religiosa e cultural negra em Goiânia. Como prática ritualística de matriz africana e indígena, ela não só preserva tradições ancestrais, mas também atua como um espaço de resistência e continuidade cultural para as comunidades afrodiáspóricas. A Jurema se torna um símbolo vivo da espiritualidade, conectando seus praticantes a uma história de luta e resiliência, ao mesmo tempo que promove uma reafirmação da identidade afro-brasileira.

Ao garantir a permanência e a visibilidade dessas práticas em meio ao cenário urbano contemporâneo, a Jurema reforça a importância do respeito à diversidade religiosa e cultural no Brasil. Ela evidencia como as tradições afro-brasileiras, mesmo diante de desafios históricos, continuam a influenciar e a enriquecer a vida social e cultural em Goiânia. O reconhecimento e a valorização da Jurema, portanto, são passos essenciais para a promoção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com suas múltiplas heranças.

A herança religiosa e cultural africana em Goiás constitui um elemento central na formação da identidade afrodiáspórica e na configuração das dinâmicas sociais e espaciais da região. A diáspora africana, ao longo de sua trajetória histórica, deixou um legado significativo, especialmente na preservação de práticas culturais e religiosas que se manifestam de forma expressiva em espaços urbanos, como a Região Metropolitana de Goiânia. A análise da diáspora africana em Goiás revela como as tradições trazidas pelos africanos e seus descendentes contribuíram

para a construção de um tecido social plural, na qual as práticas culturais e religiosas de matriz africana se mantêm como forma de resistência e adaptação frente às adversidades impostas por estruturas de poder colonial e pós-colonial.

No contexto urbano contemporâneo, as dinâmicas espaciais do sagrado de matriz africana em Goiânia revelam um cenário de constante negociação entre a preservação de tradições ancestrais e a necessidade de adaptação às transformações do espaço urbano. Os terreiros e outros espaços sagrados funcionam não apenas como locais de prática religiosa, mas como pontos de resistência cultural e de reafirmação da identidade afrodiáspórica. Esses espaços são fundamentais para a manutenção das redes de solidariedade e espiritualidade, ao mesmo tempo em que enfrentam os desafios de um contexto urbano que historicamente marginaliza as religiões afro-brasileiras.

A Jurema, uma prática religiosa de matriz africana e indígena, emerge como um exemplo claro dessa herança cultural em Goiânia. Sua presença reafirma a conexão entre as tradições ancestrais e a contemporaneidade, servindo como uma das principais formas de representação da espiritualidade e identidade negra. Ao manter vivas práticas rituais e espirituais, a Jurema simboliza tanto a resistência quanto a continuidade das tradições afrodiáspóricas em meio às dinâmicas urbanas da capital goiana.

Portanto, os três aspectos explorados neste artigo — diáspora africana, dinâmicas espaciais do sagrado e a Jurema — se entrelaçam para evidenciar como as tradições religiosas de matriz africana continuam a exercer um papel crucial na construção e reafirmação da identidade afrodiáspórica em Goiás. Por meio da resistência cultural e da manutenção de práticas ancestrais, essas tradições enfrentam os desafios da marginalização social, ao mesmo tempo que promovem uma rica diversidade cultural e espiritual no espaço urbano contemporâneo.

## 5 Considerações finais

É imperativo reafirmar que a historiografia de Goiás, por muito tempo dominada por narrativas eurocêntricas e coloniais, tem negligenciado as contribuições significativas dos afrodiáspóricos na formação histórica, social e cultural do estado. Este trabalho visou preencher parte dessa lacuna ao destacar a presença e a influência da diáspora africana, assim como a relevância das religiões

de matriz africana, como o Candomblé e a Jurema, na região metropolitana de Goiânia. A invisibilidade dessas populações e de suas práticas não é meramente acidental, mas resultado de um processo contínuo de apagamento e marginalização promovido por forças coloniais, raciais e patriarcais que, historicamente, dominaram a construção do conhecimento e da memória social.

A análise realizada evidenciou como a contribuição dos africanos e seus descendentes foi central em várias esferas, desde o desenvolvimento econômico, especialmente no contexto da mineração, até a formação de identidades culturais e religiosas que resistem às tentativas de silenciamento. As práticas religiosas afro-brasileiras, marcadas por intensa resiliência, enfrentam processos de segregação espacial, estigmatização e preconceito, mas ao mesmo tempo constituem espaços de resistência cultural e social. A discriminação enfrentada pelos terreiros de Candomblé e Jurema e a negação de seus direitos à visibilidade e ao território são expressões das dinâmicas de poder que permeiam a sociedade goiana. Essas religiões, além de práticas espirituais, atuam como potentes mecanismos de reafirmação identitária e resistência contra o racismo estrutural.

Nesse sentido, a crítica à historiografia tradicional de Goiás se torna imprescindível. A ausência de afrodiáspóricos como sujeitos históricos e a desconsideração de suas contribuições são parte de uma narrativa excludente que precisa ser revisitada e desconstruída. A adoção de abordagens como a micro-história e a História Oral permite que vozes até então silenciadas, especialmente aquelas de mulheres negras e praticantes de religiões afro-brasileiras, ganhem espaço e relevância no debate acadêmico. Essas metodologias oferecem a possibilidade de recontar a história sob uma ótica que valoriza a pluralidade de experiências e desafia as hegemonias intelectuais estabelecidas.

Ademais, é necessário reconhecer que as práticas religiosas de matriz africana em Goiás, longe de serem meramente manifestações espirituais, envolvem uma complexa dinâmica de resistência política e territorial. A disputa pelo espaço físico dos terreiros é também uma luta por reconhecimento e direito à identidade, em um contexto no qual o domínio territorial é tradicionalmente associado às forças hegemônicas da sociedade. A invisibilidade dessas práticas reflete um processo de negação não apenas de direitos religiosos, mas de direitos fundamentais à cidadania plena.

O estudo também destaca que as lutas e resistências dos afrodiáspóricos em Goiás não se limitam ao passado, mas se estendem ao presente, no qual novos atores continuam a reivindicar visibilidade e espaço dentro de uma sociedade que ainda carrega fortes resquícios de seu passado colonial e escravocrata. A expansão das religiões de matriz africana na região metropolitana de Goiânia, como o Candomblé e a Jurema, bem como a formação de comunidades quilombolas e movimentos sociais negros, demonstra a vitalidade dessas tradições e a relevância contínua de suas lutas.

Este trabalho reafirma a urgência de um projeto historiográfico mais inclusivo e crítico, que reconheça as múltiplas vozes e experiências que constituem a história de Goiás. A decolonização da historiografia goiana é um passo necessário para resgatar a contribuição dos afrodiáspóricos e reconstruir uma narrativa mais justa e representativa. Ao questionar as estruturas de poder que moldaram o passado e o presente, abre-se espaço para uma sociedade mais consciente de sua diversidade e mais comprometida com a justiça social e racial.

Em suma, as práticas culturais e religiosas de matriz africana em Goiás, além de constituírem um patrimônio cultural de valor inestimável, são também instrumentos de resistência, identidade e sobrevivência diante de uma ordem social que historicamente tentou silenciá-las. Reconhecer, valorizar e estudar essas práticas é uma forma de combater o racismo estrutural e construir uma sociedade mais igualitária, na qual a pluralidade cultural seja celebrada e não marginalizada.

### Referências

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira; JORON, Clelia Moreira Pinto. **Jurema: culto, religião e espaço público**. Estudos de Religião, v. 32, n. 1, p. 45-60, jan./abr. 2018. ISSN 0103-801X (impresso). ISSN 2176-1078 (eletrônico).

MARINHO, Thais. **Discursos sobre a diáspora africana em Goiás**. In: CHAVEIRO, Eguimar Felício; GONÇALVES, Ricardo Júnior de Assis Fernandes (orgs.). **GOIÁS +300: ressignificação e reflexão**. Goiânia: Editora IHGG, 2022.

PALACIN, Luiz. **Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa Capitania de Minas**. Goiânia: Editora Gráfica Oriente, 1972.

PINTO, Clécia Moreira. **Saravá Jurema Sagrada: as várias faces de um culto mediúnico**. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

SILVA, Mary Anne Vieira. Dinâmicas espaciais do sagrado de matriz africana na região metropolitana de Goiânia/GO. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, v. 2, p. 1-18, 2011.